

Poeta Plástica — Pele-Palavra

Nathalia Grilo

Pesquisadora e curadora · 2026

A prática artística de Laura Conti se firma em um território de trânsito rigoroso, no qual corpo, linguagem e matéria atuam como forças que se tensionam e se alimentam. Sua trajetória no balé clássico entrega à sua produção visual algo que vai além do dado biográfico, sendo a dança aquilo que permanece em sua trajetória como uma gramática interna e uma estrutura de pensamento que privilegia a consciência espacial e o rigor do gesto. Quando Laura se afasta dos palcos, esse vocabulário é transmutado. O movimento, antes restrito ao músculo, projeta-se na escrita para encontrar na palavra uma nova extensão física e rítmica.

Nesse percurso, a artista se coloca como uma poeta plástica que opera na vizinhança crítica das heranças concretistas e visuais. A palavra não surge como um elemento neutro, mas como uma entidade tridimensional dotada de peso e superfície. Ao levar a lógica do poema para o espaço expositivo, Laura promove uma espacialização da linguagem que transforma a tipografia em topografia. O público deixa de ser um leitor passivo e passa a caminhar entre signos, percorrendo o poema fisicamente. A premissa de que a palavra deve ser vista em sua integridade material ganha uma dimensão tátil, com a sintaxe construída por imaginação, costuras e matérias carregadas de história.

Ao afirmar-se uma poeta plástica, Laura retira a palavra do suporte bidimensional para investigar sua massa e volume. É nessa operação que surge a pele-palavra: a linguagem deixa de ser apenas lida para ser sentida como uma membrana orgânica, onde o couro e a linha tornam-se extensões do próprio corpo da artista. Essa transposição da poesia concreta para o espaço expositivo subverte a leitura linear; o poema torna-se um ambiente habitável, uma topografia de signos que exige o movimento do espectador para que o sentido se complete.

A repetição, antigo motor da disciplina na dança, ressurge como um mantra visual. No gesto exaustivo de tecer, bordar ou perfurar a mesma palavra, a artista não busca a reprodução mecânica, mas sim o esgotamento do sentido à procura da pura presença. Essa insistência sustenta sua lógica da pele-palavra. A escrita, atravessada pela experiência racial e pela transformação política, exige corpo. O couro, herdado da memória dos atabaques e do sagrado, introduz uma espessura simbólica que antecede a própria obra. Ao costurar essa superfície, Laura não escreve apenas sobre um suporte, mas inscreve seu próprio corpo com ele. A agulha que atravessa a pele do couro organiza

a memória familiar e resgata o ponto cruz aprendido com as mulheres de sua linhagem, funcionando como um operador capaz de sustentar tensões e articular fragmentos.

Essa pesquisa ganha escala arquitetônica em suas capelas e instalações, dispositivos de contenção que suspendem o excesso da linguagem e criam fôlegos de sonhos. A utilização de moldes de capelas herdados de seu avô adiciona uma camada de arqueologia afetiva ao conectar o fazer contemporâneo ao campo dos ofícios manuais. O ateliê, instalado na casa de sua bisavó, funciona como o epicentro de um ecossistema onde a produção é indissociável da convivência e do compartilhamento.

A obra de Laura Conti articula, portanto, dança, escrita, psicanálise e artes visuais sem hierarquias, mantendo o corpo como eixo e a palavra como matéria viva. Sua produção habita o espaço do não resolvido, onde pensamento e sentir vibram em conjunto. Mais do que fabricar objetos, Laura cria condições para que a linguagem se manifeste como rastro, cicatriz, pele, formando uma superfície sensível onde o tempo e o desejo encontram morada.